



JUSTIÇA DE GUIMARÃES

Orgão social e defensor das classes trabalhadoras

Publica-se aos domingos

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adiantado

Portugal, ilhas e colonias, por anno	750
União postal	2500
Numero avulso	10

EDITOR JOSÉ M. D'OLIVEIRA JUNIOR

Redacção e adm. R. da Rainha, 136

TYPOGRAPHIA E IMPRESSÃO, RUA DE D. LUIZ I, 27.

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha	30
Repetições	20
Annuncios permanentes, contracto especial	

ADMINISTRADOR Mathias Duarte de Macedo

É tarde!

Frades e freiras, para quê? Jesuitas, porque esta d'sal-nada aberração da verdade christã?

Para melhor crêr e adorar Jesus? Para buscar nos fastis do catholicismo a sua mais sancta e prestigiosa tradição? Mentira! Embuste!

Basta na tradição do frade a pagina atroz do dominicano inquisidor e na tradição da Companhia a suspeita do jesuita regicida, para que a alma d'esta civilização grite n'uma inquebrantavel insistencia e n'um supremo esforço.

Não pod' m voltar! E' tarde! E' tarde! Muito tarde, mesmo!

Hoje, ha mais quem sabe lêr para avaliar o que elles f' m, e tem a liberdade maior voz para dizer alto o que elles queier voltar a ser.

Frades, alguns houve de radioso saber e de insigne virtude; jesuitas, alguns teve a Companhia de excepcional valia; mas a tradição da collectividade cahe sobre todos elles esmagadora, porque é uma falsidade de farceistas no Christianismo.

O frade já não é uma figura do nosso tempo, e o jesuita já não pôde ser um tolerado da nossa fé. Nem um nem outro pôdem viver n'este meio de febril actividade de uma civilização, para a qual não foram creados.

Enganam-se os reverendissimos prelados na sua constancia de reaccionarios, e illudem-se os frades e os jesuitas na vangloria ou na velhacaria de suppôr que toda esta engrenagem de uma alta civilização desandaria para traz com o latinorio de

uns e as malasartes de outros.

E' tarde!

Para o frade falta a *Edade Média* com os mosteiros—cidadellas, com os dizimos arrancados ás migalhas da pobreza, com a plebe sem escolas e sem direitos, boi posto á nora a puxar por conta do rei fanatico e authoritario, do fidalgo privilegiado e brutal, do conventual madraço e rotundo.

O frade é hoje um anachronismo, que leva ao hombro, na sua dupla saccola, a tradição burlesca do *bernardo*, o *Calino* antigo, e a tradição sinistra do dominicano inquisidor, Nero do Catholicismo, o frade de entranhas de hyena.

E o jesuita ainda menos para estes tempos, ainda peor para esta civilização:

Falta-lhe aquella tragica segunda metade do seculo XIV, o bronco e sombrio D. João III, de parceria com elle no throno, uma camarilha de clutins, degenerada progenie de heroes, a servil-a submissa, um povo expoliado, analfabeto e credulo enfeudado ao confissionario da *Companhia*, já omnipotente em Roma, a explorar o mundo em nome de Jesus!

Luthero.

A Russia d'hontem

Suspendei o vosso juizo; não são culpados.

O trabalho e o crime raras vezes andam juntos.

O que a seguir publicamos é extrahido do livro historico produzido pelo andar revolucionario polaco J. Cziuski, e traduzido para o francez á meio seculo. E' n'um capítulo

de tal livro em que o seu auctor faz resaltar de uma forma clara, precisa a hediondez da auctocracia russa, e que tem toda a oportunidade, visto as instituições e costumes que, apesar de tantos annos decorridos, em nada terem melhorado. Leiam-no com interesse os nossos amigos e leitores.

I

A cincuenta leguas de Varsovia, no meio de planicies inundadas, está situada a fortaleza de Zámose. E' para onde mandam os ladrões, os incendiarios, os desertores e todos aquelles a quem a justiça condemna a trabalhos forçados; ahi, trajando vestidos ignominiosos, estes miseraveis se agitam debaixo das suas cadeias para trabalhar nas fortificações das barreiras que devem separal-os do mundo.

E' ahi tambem que os inquisidores secretos, sob a direcção do general Hurtig, applicam a novos tratos os desgraçados presos politicos que não poderam succumbir áquelles que primeiro lhes mandou fazer o general Roznieki e o seu digno collega Novosileoff.

Nos subterraneos reconditos d'este logar de dôr, cheio de esqueletos de victimas desconhecidas, vinham todos os dias em grande numero os condemnados perder o uz dos sentidos, e transformarem-se debaixo do *Kuout* em cadaveres vivos; as ordens barbaras do Czarevitz eram ahi tão litteralmente executadas que se acontecia a victima condemnada pelo tyranno a duas mil *Kuout idas* expirar á centessima, os infames algôses continuavam a dar no cadaver até se achar preenchido o numero prescripto.

D'aqui a um seculo, ou menos ainda não haverá um só homem que queira ahereditar que a Europa illustrada possesse conservar-se testemunha indifferente do dominio atroz dos Czares. (1)

Uma nova victima acabava de entrar para esta mansão do soffrimento e de barbaridade; era Lukasiuski cuja perseverante firmeza vencera o talento dos algôses de Varsovia e illudira Constantino na sua esperança de conhecer os segredos da conjuração. Ignorava-se na capital o que era feito d'elle; os conjurados não haviam podido descobrir a masmorra onde estava mettido.

Uns julgavam-no morto, outros diziam que tinha sido transfêrido para a Siberia; outros, enfim, asseguravam que fôra atacado de alienação mental. Contado ninguem consebia a menor duvida sobre a sua heroica constancia em guardar fielmente os segredos que possuia. Veremos quais foram os meios que a hypocrisia inventou para tentar arrancar por meio da intriga o que o terror não poderia fazer descobrir.

—Pensais arrancar a Lukasiuski o seu segredo, disse o general Hurtig, inquisidormór de Zámose, a Petrikoyski, discipulo de Birbaum, chefe dos espiões e que chegava de Varsovia; estas realmente encarregado de custosa impresa, e mais facil me parece impor silencio ao universo inteiro, do que obrigar este teimoso a pronunciar uma

(1) Cincuenta e tantos *annos volvidos e a Europa illustradissima cruza os braços ante os massacres em massa do povo faminto de pão e de liberdade, em Petresburgo e outras cidades!

Como o auctor se enganou... — N. da R.

palavra. O gran duque que vos preste auxilio e protecção; que quereis de mim?

—Senhor general, eu não venho aqui fazer exame, tenho dado mais de uma prova de minha habilidade. Fui eu quem, debaixo da mascara de um exaltado patriota, jogando com os estudantes da universidade, puz em poder do Czarevitz os insensatos que queriam assassinal-o. Sua Magestade Alexandre, de santa memoria, recompensou-me d'este serviço condecorandome com a ordem de Santo Estanislau. O que de vós exijo é facil: fazei-me prender como perturbador, e mandai-me metter no carcere onde se acha Lukasiuski.

—Entendo, respondeu o general, e vou já dar as ordens necessarias.

Lukasiuski começou a vêr restabelecida a sua saude, enfraquecida por longos soffrimentos; para o humilharem, tinham-no mettido junto com ladrões e outros criminosos; porem estes testemunhavam-lhe uma especie de respeito; algumas vezes, possuido de curiosidade de estudar os motivos que levavam o homem ao crime, rompia o silencio, e entabolava conversação com alguns d'estes desgraçados.

Camarada, disse elle um dia ao seu visinho, as tuas mãos tem signaes de trabalho; devem saber manejar o foucinho e o mangoal, o machado e a charrua; que infeliz circumstancia te fez, pois, deixar o caminho da virtude pelo do crime? Vejo pelo teu fato que toda a tua vida se tem passado na prisão; que fizestes, pois, para merecer um castigo tão terrivel?

Continua.

SECÇÃO LITTERARIA

A legião da justiça

Vem ao longe, soberba, altaneira;
Uma legião de obreiros de bem:
Vae multidão, ajoelha pranteira,
E recebe em paz, quem por ella vem.

No mundo implantar a lei verdadeira,
A justiça e o direito, que o pobre não
tem
E' o seu credo, é a sua bandeira,
O labaro da justiça, que dos pobres é
mãe.

Oh! vem, não tardes, que és a bonança,
Que desce a este mar de lodo infernal
Traz ao proleário a grata esperança.

De o bem succeder ao regimen do
mal.
Trazesa justiça que a todos alcança,
No reinado bendito da união fraternal.

Tritão.

Noticiário

O CRIME DE SANTA MARIA DE SOUTO—UMA EMBUSCADA 'FRUSTADA'—CACETEIROS EM CAMPO—UMA CARTA DO SNR. ALBINO BASTOS—CANTOS OPERARIOS.

O padre Antonio Maria Coelho jurou vingança. Vingança de morte, terrivel, estapafúrdia!!!

Ora vejam os nossos estimaveis leitores, o caso unico e machiavellico, que em seguida vamos expôr:
O nosso presado amigo e collega, o sr. José Ferreira, vinha ante-hontem de Pencillo a caminho de Guimarães, ahi pela uma hora da tarde.

Fis que no lugar do Mourão, encontra um individuo armado de grande varapau e lhe sae ao encontro pedindo-lhe lume para accender um cigarro. O nosso collega puxa por uma caixa de phosphoros e offerece ao desconhecido. Este accente e depois de accender um cigarro que tira do bolso da jaqueta que trazia pendurada no hombro direito, pergunta:

—O sr. é o mestre de Pencillo?

—Não, senhor, responde o nosso amigo e collega.
Porquê?!

—Porque desejava fallar e não o conheço bem. Sei que elle deve passar aqui a esta hora e...

—Conheço a pessoa por quem pergunta e é muito natural que ainda esteja em Pencillo. Sou comprador de vinhos e ainda não ha muito que o vi na quinta de Sapos.

—E' esse mesmo.
—Procura-o para algum negocio?

—Não senhor. Desejava fallar-lhe apenas...

—Pois dirija-se á quinta que provavelmente alli o encontrará. O senhor é de por aqui?

—Não senhor.
—Esse rapaz parece que tem muitos inimigos?

—E' um grande marôto.
Está uma mulher, na cadeia por causa d'elle.

—Já ouvi dizer, que está uma mulher presa por matar uma criança.

—E' verdade e foi elle que lhe arranjon esse trinca-fo.
—Sim!

—Sim, senhor...

—E o padre Coelho de quem tanto se falla em Guimarães?

—E' muito bom padre. E' tudo mentira.

—E porque razão elle não se apresenta a rehabilitar a sua honra.

—Não faz caso d'isso.

—Aonde está elle?

—Em Braga.

—Dizem-me que elle está sem missa.

—Assim é preciso dizer.

—Então é mentira?

—Eu não posso dizer ao certo, mas...

—Tem muita protecção...

—Sim senhor. Faz o que quer; e para um empenho!...

—A Rita está na cadeia e elle não a protege?

—Não tenha medo que ella ha de saber.

—Sim, eu tambem creio.

—Foi uma infeliz.

—Tambem é verdade.

—E aquelle marôto é que foi o causador de tudo isto e *malto* Mathias

—Quem é esse Mathias?

—E' primo d'ella.

—Da Rita!

—Sim, senhor. Mas elles *onde* pagam tudo.

Ao chegar ao lugar da Barreira o nosso collega offerece-lhe um copo de vinho na venda de S. Pedro de Azurey, ao que o caceteiro, talvez ás ordens do padre Coelho, responde:

—Não senhor. Espero pelo Ferreira. Preciso muito de fallar com elle.

—Venha até Guimarães que eu digo-lhe onde elle mora.

—Não senhor. Espero por aqui.

—Talvez elle tomasse outro caminho.

—Mas disseram-me que elle é certo por aqui.

—Não sei.

—Bem, eu vou com pressa e não posso demorar mais.

Adeus meu senhor muito obrigado.

—Não por isso.

E o caceteiro, pau ás costas meteu ao montado de Pousada, enquanto o nosso collega, são e salvo, ria-se do desgraçado que d'esta vez ficou indibriado.

O nosso collega apresentou queixa da policia.

Por hoje vae sem commentarios.

UMA CARTA DO SNR. ALBINO BASTOS

SE CHRISTO VOLTASSE...

P'ro que se não inspira d'esta poesia que odeio o clero, devo declarar que ella vae subscriptada a um negregado sotaína, contrabandista do Evangelho e anarchista de doutrina do juvenal da Galilea, que pregava a justiça contra a iniquidade, a liberdade contra a escravidão, e que acalentava, com um sorriso que era como que uma via-lactea d'amor, todos os que d'elle se abeiravam.

Respeito o clero quando elle se eleva a nitida comprehensão da sua ardua missão; que sabe espalhar o bem e moralisar p'lo exemplo.

Adoro-o, divino-o quando elle é um Vicente de Paulo, um Francisco de Salles e um D. Bosco. Detetos o quando elle transforma a igreja n'uma synagoga, congenere do pharisaico que condemnou a morte affrontosa do madeiro ignominioso o filho de Maria é quando na sua alma tem pulpito a hypocoeresia insidiosa, não ten-

do, com o que hoje satyriso, vislumbre de pejo para infamar e calumniar os seus semelhanes.

*

Eu não te tenho medo, ó lingua viperina

Caligula de c'roa, Attila do Ideal,

Gerado como um gaz, n'um pantano lethal

Porque um chicote eu fiz da tua nédia crina

*

Não me intimidam, não, ó pote de materia,

A taça do veneno e a folha do punhal,

Rio-me com desdem, da doutrina fatal

Que apregoando vens, ó alma de letoria

*

Sei que és possuidor, d'uma alma fabricada

De garras de panthera e lodo vil a mau,

Mas eu nada receio. As minhas chicotadas

Ham-de quebrar de vés tens dentes de lacrau.

*

Ao vêr tua figura, horrrenda e erapulosa

Encarar a sorrir na tímida malher,

Eu cito aquelle nojo, que sentiria ao vêr

O corpo da rancira em leito do hospital.

*

Tu foste condemnado a grande voz da historia

E ao grito da sciencia, anefando de luz.

Rio d'essa moral, infame e vexatôria

Que andas a pregoar em nome de Jesus.

*

Nunca verás ferver em chumbo derretido

Aquelles que como eu não vam á tua missa.

A minh' Alma d'ha muito, o perfido bandido,

«Que tem por patria a sciencia e por biblii a justiça.»

*

Albino Bastos.

CANTOS POPULARES

A proposito d'um coelho

Sobre as lages de uma igreja,
Uma mulher a chorar!
Aos pés de um sacerdote,
Por a honra lhe roubar!

Uma manhã, muito cedo,
Eu ia p'ra missa ouvir:
De repente ouvi bramir
Um gemido e tive medo.
Caminhei muito em segredo,
Que a minha vontade almeija
De ver só o que deseja.
Por isso eu conto aqui
O triste quadro que vi,
Sobre as lages d'uma igreja.

De um templo santo e sagrado,
Estava na sacristia,
O abbade da freguezia,
A' confessada, abraçado!
Na immunda mão, tinha um Christo,
Cujo nome vi invocar.
P'ra pobre se humilhar,
A' infame tentação!
Foi quando eu vi, então,
Uma mulher a chorar!

Ouvil-a, causava horror!
Pediundo, com piedade:
—Não mate, senhor abbade,

—O fructo do nosso amor!
—Se tu existes, senhor,
—Tem pena da minha sorte,
—Prohibe que se dê a morte
—Ao que está para nascer!
—Eu isto ouvi dizer,
Aos pés de um sacerdote!

—Tu dizes, padre malvado,
—Que esta vida deshonor,
—Quando me tiraste a honra
—Não te lembra o peccado!
—Pois eu já tenho jurado,
—Mesmo aos pés do altar,
—Que não te hei-de largar!...
—Nisto, infame, coasidera!
—Dizia ella que era
Pela honra lhe roubar.

FIM

M. F. Balto

Mau agouro

O nosso presadissimo e distincto collega O «Combate» transcreveu da «Epocha» de Lisboa e por nossa vez concordamos na mesma ordem d'ideias o que segue:

«Jozé Ribeiro foi condemnado á morte! Matou, e a justiça mata-o! Mas essa justiça será tudo que quizerem, menos humana! Em vez de correrem para junto do infeliz a quem uma alucinação obliterou as faculdades, ou uma nevrose, uma doença desequilibrou a sensibilidade, e caidarem d'elle com a piedade com o carinho, que elle merece mais do que os seus, bradaram-lhe á alma, angustiada e succumbida,—morrerás! E isto na nossa terra, onde o crime tem tantas atenuantes e onde o coração tem tanta doçura! E isto num tempo em que, por toda a parte, uma relogiosa propaganda do bem anda a asseiar os calaboiços, convertendo-os em enfermarias de doentes!

N'um desses momentos em que as vozes do ceu se fazem ouvir aos mortaes atravez da palavra inspirada do homem, ouviu-se dizer a Vitor Hugo:—Debaixo do ceu ha uma só coisa diante da qual nos devemos inclinar—o genio; mas ha uma outra, diante da qual temos obrigação de ajoelhar—a bondade.

Gloria-se a nossa raça de ter na historia dos seus costumes sagrado o direito a esta veneração pela sua bondade. Eis que, de subito, como terrivel agouro de desgraças, de castigos, de expiações, na nossa terra, a inflexivel dureza d'uma lei barbara, nos rouba esse gratissimo direito! A pena de morte, esse monstro disforme e repugante, acaba de interditar o ambiente moral d'esta terra da bondade! Como isto doe! como isto con-frange!

Não vai uma queixa, nem uma sombra de censura ao tribunal.

Elle atira para a lei com a sua responsabilidade, lavando as suas mãos nas aguas de Pilatos. Mas é essa lei que precisa de acabar.

José Ribeiro vai ser indultado; a magnanimidade da corôa

acudirá com a mais respeitavel das suas prerogativas. José Ribeiro não morrerá, mas o meio moral, mas a sociedade, mas a sensibilidade humana é que ficam irreparavelmente offendidas. Mas os nossos direitos, mas as nossas tradições é que ficam menospresadas! O terror não pode produzir a ordem, nem a disciplina. Esta nasce nos meios limpos, edificadas com os exemplos e prolifera com as dedicações.

Para o sr. conselheiro Sebastião Teles, cuja elevação moral muito respeitamos, apellamos confiadamente, pedindo-lhe a revogação d'esse codigo de justiça militar, afeiçãoando-o ao nosso tempo, ao nosso povo e aos nossos costumes.

Retirou temporariamente para o Porto a ex.^{ma} sr.^a D. Germana da Rocha Oliveira, professora official n'esta cidade, pelo motivo de se achar gravemente doente seu extremoso pae. Sentimos, e que elle em breve se restabeleça, são os nossos sinceros votos.

O carnaval em Guimarães

O que por ahi se viu, pelas ruas da cidade, não foi carnaval mas sim um bocejo de tédio, de vergonha e de miseria. Algumas mascararas que appareceram, cobertas de farrapos e manchadas de chulices, foram pela garotada corridas á lanxa e apupadas pello popolarho.

No theatro de D. Affonso Henriques, os dois bailes que alli se realisaram nas noites de domingo e terça-feira, tiveram pouca concorrência de mascararas e de espectadores, talvez pelo facto da maior parte dos habitues d'aquella casa de espectaculos, estarem no Porto a gozarem as grandes festas carnavalescas dos Fenianos.

No Salão Artistico a concorrência foi muito maior nas duas ultimas noites de carnaval, porque alli tambem se representou a pequena revista em um acto, original do nosso collega o sr. José Ferreira, intitulada—O Zé d'Albarda. A peça agradou muito, sendo bisados alguns numeros de musica e os principaes interpretes, bem como o nosso collega o sr. José Ferreira, chamados ao proscenio e forão alli recebidos com prolongadas salvas de palmas.

A batota livre!

Segundo nos informam, parece confirmar-se que o governo pensa em regularisar a batota, prohibindo-a, no paiz, durante todo o anno, e tolerando-a de 16 de Junho a 15 de Novembro, nas praias de Cascaes, Figueira, Mont' Estoril, Espinho, etc. A batota será contribuida, em especialidade sobre as receitas liquidas dos batoteiros, devidamente fiscalizadas, talvez pela fiscalisação do selo, impondo-se tambem severas condições de admissãõ á frequencia nas casas de jogo.

No entanto, ordens superiores

Justiça de Guimarães

mandam proceder á repressão da Latofa que em todo o paiz tomou o maior incremento.

Em Guimarães dezenas de operarios, perdem, durante as noites de sabbado e de domingo, na maldita batota, tudo quanto ganharam durante a semana. E as familias respectivas a estallar de fome; e as autoridades a fecharem os olhos!

Isto é proprio do meio em que vivemos, onde tudo joga, em parte, até a sua propria honra e dignidade...

E' feição. Mas o carnaval passou e as mascaras passaram tambem ao pó das gavetas.

Nós cá estamos; e os malandros que se *arranjam* com os miseráveis que roubam descaradamente a bolsa dos operarios, terão a nossa unica negada protecção creiam.

Hoitem quixeu-se-nos um infeliz oleiro, de que n'um tascão da Milsericordia oade a policia parece já ter feito ruga, sem resultados satisfatorios, porque a tempo foram avisados, por pessoas que á propria autoridade tinham apresentado as suas queixas, alli perdara tudo o que ganhara em oito dias. Em compensação os batoteiros da tasca impam de fartos!

Theat o de D. Afonso Henriques

A companhia d'opera-comica do theatro Principe Real, do Porto, dirigida pelo actor Ernesto Portinho, vem a esta cidade, nos dias 29 e 30 do corrente, dar duas recitas de assignatura com as lindissimas operetas — «Os Varinos» de Raphael Ferreira, com musica de Thomaz del-Negro e Luiz Felgueiras e «A Cigana» de Ferraz Brandão, baseada no conto Amor de Cigana, do fallecido escriptor Pinheiro Chagas, ornada com vinte e cinco numeros de musica por Filippe Duarte.

A assignatura, para estas duas extraordinarias recitas, desempenhadas por esta companhia, que se compõe de 80 personagens, e que traz consigo o seu deslumbrante scenario, guarda-roupa de grande luxo e a sua respectiva orchestra sob a regencia do distincto maestro Paschoal Pereira, acha-se aberta, desde o dia 15 a 27, na Tabacaria Havana.

Os preços d'assignatura tambem são convidativos.

Não deixem, pois de ver «Os Varinos» e «A Cigana».

Augmento da policia

Consta-nos que se envidam todos os esforços para augmentar mais dez guardas ao nosso pequenissimo corpo policial, creandose tambem uma secção judiciaria. Assim deve ser, pois que os vinte guardas actuaes não chegam para policiar nem um terço da cidade. Alem d'isso esta pobre gente está muito mal paga, mal chegando o ordenado para a sua alimentação e renda de casa. A esta necessidade deve tambem a nossa camara attender. A selecção dos novos guardas, em especial para a secção da judiciaria, tem que obedecer a maior escrupulosidade, visto que para bem do difficil serviço que lhes é destinado, precisam de ser dotados de muita intelligencia e astucia. Este serviço tambem deve ser bem remunerado, pois que na maioria dos casos os guardas são obrigados a fazer certas despesas para que elle surta o effeito desejado.

Fazemos estas observações, muito livres e espontaneas, para que o dinheiro do municipio não seja atirado á rebatinha, como por vezes se tem visto. São estes os nossos melhores desejos. Bom pessoal e bem remunerado, para bem do serviço e da disciplina. Sob o commando do actual chefe, poderemos, depois, ter um corpo de policia modelo.

Salão Artístico

Estreou-se hontem alli a Companhia Gymnastica e comica procedente do Circo Carlos Alberto do Porto. É uma companhia secundaria, muito bem dirigida por D. Emilio Schumam e com artistas de certo merecimento. Especialisamos Emilia Paterua, celebre equilibrista no arame, Marianna, artista e jester, Mauricio Schumam, extraordinario nos seus difficeis trabalhos sobre o cavallo em pello e os engraçados clowns Ricie, Carlos e Czaric.

O trabalho dos cavallês em liberdade, de D. Emilio Schumam, tambem é digno de ver-se.

Hoje temos alli um novo e variado espectáculo, por todos os artistas da companhia.

«O Desforço»

Entrou no 13.º anno da sua publicação, este nosso collega, intemerato defensor da causa republicana que se publica na visinha villa de Fafe.

D'aqui lhe enviamos, por esse motivo as nossas sinceras congratulações.

Correio

Um amigo dos pobres:

Não publicamos a sua carta porque é menos verdade o que nos diz.

Quadrilha de ciganos

A policia intimou hontem a sabida para fora do concelho, a uma quadrilha de ciganos que tinha acampado ahi para os lados da Cruz de Pedra. A esta quadrilha attribuiam-se varios roubos praticados em diferentes pontos da cidade.

Ao abandono

O guarda civil n.º 16 encontrou, na noite de quinta-feira, abandonado na rua da Alegria, o mendigo francez Nurdy Jom, natural de Orange. Conduzido á esquadra policial ahi declarou ter vindo a pé do Porto, d'onde foi expulso pela policia d'aquella cidade. Pernoitou no calabouço, sendo solto no dia seguinte, de manhã.

A seita negra

Estão de posse da Casa Pia de Paço de Souza, os jesuitas capitaneados ao que dizem pelo abbade da freguezia, masmarro beatifico de gordos untos e ultramontanas costelladas. Quer a jesuitada fazer d'aquella instituição uma coisa á sua imagem e semelhança, com gente sua e internadas de sua escolha. Exoneraram já a professora e vão exonerar empregados, não ponpando os fornecedores por arrematação publica e dizem

que a violencia vae até ás desvalidas creanças alli internadas.

ZE' paga mais festas!

A rainha de Inglaterra, princezas Mani e Victoria, suas filhas, chegam a Lisboa no dia 15.

O desembarque realisa-se no Caes das Columnas, organisando-se em seguida o cortejo para o paço das Necessidades, onde ficam alojadas.

No programma dos festejos figuram uma recita de gala em S. Carlos, um passeio a Cintra e almoço no paço da villa o jantar official, o concerto no paço d'Ajua.

Companhia Lisbonense

Esta companhia que se acha actualmente em Braga, vem nos principios do mez de Abril proximo fazer a sua temporada de verão, n'esta cidade, exhibindo um magnifico repertorio.

O nosso collega, o sur. José Ferreira, concluiu uma opera comica em tres actos, que vae offerecer a esta companhia, intitulada — «O Burro da Minhota».

Por causa d'uns pasquins

Estão presos na esquadra policial, Antonio Cardoso, Francisco Cardoso, José Cardoso Salvador Cardoso, Maria Rosa de Nize e Rosa de Nize, accusados de terem escripto e affixado em diferentes pontos da freguezia de S. Mamede de Vermil, uns pasquins insultuosos para o seu parcho José d'Abreu Carneiro. Vamos a ver como o caso se liquida na policia e depois fallaremos mais de espicho.

Note-se que é toda uma familia inteira que o padre fez encarcerar.

O crime de Sobreposta

Ainda não foi capturado o assassino do curandeiro João Barbosa Machado.

Quasi que se prova haver uma protecção criminosa para José da Cunha, visto que ninguém se importa com a sua prisão e elle passoa despreocupado por onde lhe convem.

N'um dos dias da semana finda, foi elle visto por um nosso amigo, sobre a ponte do rio Ave, armado de espingarda, a fallar com um moço de ali.

Francamente não percebemos... e nada mais.

Centenario de Antonio José (o judeu)

Projecta-se commemorar no proximo dia 7 de maio o centenario do grande poeta dramatico, morto pela inquisição de Lisboa.

Para esse fim constituiu-se uma comissão composta dos seguintes cidadãos:

Augusto José Vieira, Botto Machado, Carlos Cruz, Damaso Teixeira, Fernando Reis, Ferreira Manso, Franca Borges, Israel Anahory, dr. Joaquim Madeira, José do Valle, Luiz de Almeida, dr. Magalhães Lima, Martins Monteiro, Dagoberto Guedes, Paulo Tavares, Sá Pereira, Silva Fernandes, dr. Theophilo Braga.

Appello á caridade publica

Sebastião Garcias e Camilla da Silva, dois infelizes encarcerados nas cadeias d'esta cidade pedem-nos para solicitarmos das almas caridosas o seu valioso auxilio para lhe minorar a sua miseria. Casados ainda ha pouco, alli estão os dois infelizes na maior das desgraças, não tendo mesmo ro ipas para se vestirem, qualquer esmola, em roupas ou dinheiro, que os nossos caritativos leitores lhes possam remetter, será uma obra das mais meritorias que podem praticar.

Carta do Porto

CONSIDERAÇÕES

A proposito de uma campanha levantada pela «Justiça de Guimarães» contra um patife, um demonio occulto sob as vestes de um ministro de christo; escrevemos um pequeno artigo no qual fizemos sentir a pouca attenção que os correspondentes de Guimarães para os jornaes diarios lhes mereceu tal crime. E' verdade que n'esse mesmo artigo siteamos o nome do insigne escriptor Antonio Infante, dignissimo correspondente do «Janciro». Não o fizemos porem com má fé nem tão pouco com intenção aggressiva—antes pelo contrario—o Ex.º Sur. Infante merece-nos sempre a maior consideração e respeito, e por isso mesmo é que nós estranhamos o silencio feito em volta de tão repugnante crime commettido por uma desgraçada que a isso foi arrastada pela mão sinistra do Padre Antonio Maria Coelho.

Mas em virtude das aclarações que o impoluto correspondente fez no «Janciro» só tenho a lamentar que fosse a doença uma das causas que o impediu de mais circunstanciar a noticia e seus commentarios.

Mas eu já não estranho este procedimento da parte da imprensa porque a tenho visto muita vez occultar o nome de individuos que roubam contos de reis, ao passo que escarrapacham em letras garrafas o nome de um infeliz que lança mão de um pão para matar a fome!

A bandeira da misericordia, ainda existe mas é para proteger os patifes da alta roda e cobrir todos os crimes commettidos pelos galopins da politica, isto é a pura verdade.

O CARNAVAL NO PORTO

Por toda a parte se faz hoje a seguinte pergunta—o que foi o carnaval no Porto? Ao que se pode responder: O Carnaval no Porto não passou de uma fantochada, uma ba-

nbochata promovida pelos Fenianos: Fenianos é um Club de individuos de diversas cores e qual camelião tambem mudam de cor.

O fim d'estas festas não foi outro senão explorar o bolso do povo em favor dos cofres do commercio e quejandos.

Dizem que isto é o carnaval civilisado!

Mas como querem fazer um carnaval civilisado com um povo sem civilisação?

Que civilisação é esta, de contribuir com contos de reis para um carnaval, deixando fechar escolas por falta de recursos?

Que civilisação é essa de se pôr uma cidade em festa gastando contos de reis em flores, em serpentinhas de papel e outras porcerarias em quanto por essas ilhas ululam com fome sentenas de operarios a quem a falta de trabalho arremessou para a rua?

Ah! se a burguezia ao promover estas festas estapafurdias não businasse tão alto os forasteiros ouviriam os gemidos dos famintos que por ali vagueiam.

E chamam a isto civilisação? ignorancia é que eu lhe chamo pois não comprehendo civilisação sem humanidade e esta é que não existe.

BAPTISADO

Na ultima segunda-feira baptisou-se civilmente uma creança filha do nosso amigo Manoel Filippe Ratto e da sua mulher Luiza Rosa Moreira, foram paranymphos: Luiz Soares Guedes e Manoel da Silva Guimarães.

Parabens ao nosso amigo. Porto 8—3—905

M. da Silva Guimarães

Convite

O Centro Socialista de Guimarães convida todos os seus socios a comparecerem na séde do mesmo Centro, hoje, ás 2 horas da tarde para resolverem assumptos de interesse e tambem a forma de commemorar o anniversario da Communa de Paris.

A Comissão

Atenção

O nosso amigo sur. Alberto Rodrigues de Figueiredo abriu, uma officina de tinturaria na qual tinge todos os dias uteis toda a qualidade de fazendas e roupas.

O escriptorio é na Praça de D. Affonso Henriques numero 32a34, d'esta cidade onde recebe todas as encomendas destinadas a esse fim. Fabrica no Pevidem—Guimarães

Pombos

Se quereis caros leitores ver o que ha de bom n'este genero ide á rua Nova do Commercio n.º 74 a casa do sr. Antonio José Ribeiro que lá encontrareis o melhor que ha no concelho, papos ingleses, mariolas, cabeleiras, gravatinhas e andorinhas.

SERRALHERIA CIVIL E MECHANICA

—DE—
DOMINGOS VILLA NOVA GUIMARÃES

84—RUA DE SANTO ANTONIO—88

GUIMARÃES

—(*)(*)(*)—

Encarrega-se de toda a obra de ferro fundido e forjado, assim como noras para poços de melhor systema de canecos, bombas de picote e pressão, fusos para lagares e emprensas Mavis. Fogões para carvão e lenha systema aperfeiçoado, ferragens para a construção civil, grades fundidas e forjadas e portões, o qual para isso tem um completo mappa de desenhos no qual o freguez pôde escolher. Assim como faz toda a obra de ramadas, as quaes vende a 55 reis o kilo. Cofres á prova de fogo, camas, bidés, lavatorios, colchões e encanações para agua, etc.

Preço sem empentencia.

A' loja do preto

DA VIUVA DE

Arthur Joaquim Rebello

Rua de S. Damaso

(ESQUINA DO CAMPO DA FEIRA)

GUIMARÃES



Acreditado estabelecimento de mercearia com variado sortido de generos alimenticios de 1ª qualidade. Especialidade nos puros e saborosos cafés MOKA e S. THOME; aquelle ao preço de 850 reis, e este para 700 reis, cada kilo, moído á vista do freguez, e em machinas especialmente adquiridas para tal fim. Estes saborosos cafés por moer, terão o abatimento de 20 reis em kilo.

A' loja do preto

AGUARDENTE DE VINHO

Vende-se na mercearia

FREITAS

à Pota da Villa

Guimarães

THYPOGRAPHIA DA Justiça de Guimarães

Rua de D. Luiz I, 27

GUIMARAES

JOÃO CARLOS DE CARVALHO
GRANDE HOTEL DO TOURAL,
GUIMARAES

INSTALAÇÕES COM CORRENTE DA COMPANHIA DE LUZ ELECTRICA DE GUIMARAES

Encarrega-se de toda a classe de installações electricas, campainhas, telephones, para-raios, luz electrica, motores a gaz, póbre, benzina, alcool, machinas de vapor, turbinas, etc. etc.

*8 ORÇAMENTOS E PROJECTOS GRATUITOS *8-

Nova officina de fusteiro
Alvaro Pinto de Figueiredo

Nesta officina faz-se toda a obra pertencente á sua arte, assim como encanamentos de chumbo, de cobre e cano de ferro galvanizado. Encasquilla a metal branco ou amarello toda a ferragem pertencente a trens. Preços modicos. Trabalhos garantidos.

RUA DE CAMÕES 8 e 12.
GUIMARAES

Ourivezaria e Relojoaria

DE

Alberto Cezar

Transacções e concertos em ouro, prata e relógios. Especialidade em artigos de novidade nacionaes e estrangeiros

93 — RUA DA RAINHA — 95

GUIMARÃES

Atelier Photographico

José dos Santos Carvalho

OPERA-SE TODOS OS DIAS E COM TODO O TEMPO

DESDE AS 9 HORAS DA MANHÃ ATÉ ÀS 5 DA TARDE

Conserva-se os clyxés para repetiões

Rua de Santo Antonio — GUIMARAES



OFFICINA DE RELOJOARIA

—DE—

MATHIAS DUARTE DE MACEDO

RUA DA RAINHA, N.º 136

—GUIMARÃES

Encarrega-se de todos os concertos concernentes á sua arte

Manual do Operario

Bbliotheca d'Instrucção e Educação Profissional

DEDICADA AO

OPERARIADO PORTUGUEZ

Condições de assignatura

Cada caderneta de 2 folhas com 16 paginas, contendo duas materias d'entes, illustradas com boas gravuras no texto e uma estampa lithographica a uma ou mais cores.

50—REIS—50

Assgna-se em casa de Mathias Duarte de Macedo

RUA DA RAINHA, 136—GUIMARÃES